
"Tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver": Jovens, Futuro, Escola e Representações Sociais¹

Ana Paula Mendes Pereira de VILHENA²
Pedro Humberto Faria de CAMPOS³
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Importantes questões culturais e identitárias surgem a partir da construção de representações em torno das vivências escolares juvenis. Alguns processos culturais e sociais contribuem para a reprodução e manutenção de uma ordem social. O presente artigo intenciona analisar as representações sociais de futuro e de escola, elaboradas por jovens, partindo-se do entendimento de que eles têm aspirações de futuro, mas não têm projetos de vida. Foram entrevistados 55 jovens, entre 14 e 25 anos, matriculados ou não na etapa do ensino médio. Os resultados desta pesquisa, que é um recorte da tese de doutorado da autora, visualizaram os hábitos referentes aos capitais econômico, cultural e social, buscando entender de que forma a distribuição destes capitais relacionam-se com a produção de representações sociais acerca do futuro e da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Campo Social; Juventude; Futuro; Escola.

INTRODUÇÃO

As relações entre escola, juventude e futuro inspiram a compreensão de amplas questões sociais, estabelecidas entre dinâmicas e práticas juvenis. A escola é um campo de produções e de lutas simbólicas, onde os jovens vivenciam processos sociais, culturais e econômicos, produzindo representações sociais – a partir de construções sociocognitivas atreladas à noção de grupo social – que ora têm efeitos de reprodução, ora têm efeitos de resistência. O presente estudo intenciona analisar as representações sociais de futuro e de escola, elaboradas por jovens a partir de seus capitais culturais e sociais, partindo-se do entendimento de que eles têm aspirações de futuro, mas não têm projetos de vida. Suas relações de troca são construídas a partir de consensos e conflitos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESA-RJ, e-mail: anapaula.vilhena@gmail.com.

³ Orientador do Trabalho, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESA-RJ, e-mail: pedrohumbertosbp@terra.com.br.

e mediadas por poderes simbólicos. Busca-se compreender como tais representações sociais são construídas a partir dos seus capitais culturais e sociais.

A provocação feita no título deste artigo, que é um trecho da letra de uma música muito citada por jovens em idade escolar, “A vida é Desafio”, do grupo brasileiro de RAP, Racionais MC, remete a uma constatação feita por muitos deles, ao se depararem com as angústias sociais, econômicas e culturais da vida cotidiana: o desafio de ter que deixar os sonhos para trás e lutar pela sobrevivência.

Trata-se de um recorte da tese de doutorado desta autora, na qual se propôs uma visão teórico-metodológica situada na interface entre a noção de grupo, na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici [2012/1961]), e a noção de *habitus* e de capitais, na Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu [2001/1979]). O objeto do estudo foram jovens a partir dos 14 anos de idade, matriculados ou desistentes da etapa do ensino médio de escolas estaduais da rede de ensino de Belém.

Para este artigo, especificamente, será apresentada a primeira etapa da pesquisa, em que foi visualizado o contexto socioeconômico e cultural dos jovens em questão, bem como hábitos referentes aos capitais econômico, cultural e social, buscando entender de que forma a distribuição destes capitais relacionam-se com a produção de representações sociais acerca do futuro e da escola.

Juventude: múltiplos sentidos

A juventude pode ser pensada como um emaranhado de problemas que se apresentam na trajetória dos sujeitos entre uma primeira e uma segunda etapa do processo de socialização (LEVIE SCHMITT, 1996). Nesta fase, as relações caracterizam-se como bastante complexas, marcadas por etapas de solidariedade ou mesmo de conflito.

Mas, de que jovens estamos falando? Muitos daqueles que chamamos de “jovens”, hoje, estão vivendo uma pseudo autonomia para a qual ainda não estão preparados: saem da infância e entram no mundo adulto ainda sem ter estrutura pessoal e afetiva para lidar com diversas questões.

Espera-se então que os sujeitos, na fase da juventude, conquistem independência financeira, tenham responsabilidade de assumir um lar e ter filhos, e assumam papéis de participação na cultura, no consumo e na política da sociedade.

Importante ressaltar que a noção ideal de “projeto de vida” que se forma na mente de muitos jovens, está ligada a “condutas organizadas” (SCHUTZ *apud* WELLER, 2014, p. 139) que são apreendidas ao longo da vida, desde a infância, nos processos de socialização vividos na escola e na família. Os projetos de vida, portanto, “buscam atribuir sentido à biografia como um todo” (WELLER, 2014, p. 141) e experimentá-los envolve buscar possibilidades, vivenciar sonhos e reunir condições de realizá-los.

É na fase da juventude que os projetos de vida assumem uma importância peculiar, pois é a fase de formação das escolhas profissionais e pessoais da vida adulta futura. É o período em que se criam muitas expectativas com relação ao futuro, onde os jovens se questionam e entram em conflitos e crises de identidade com mais frequência.

Muitas dessas expectativas, no entanto não se concretizam ou demoram em se concretizar, nem sempre por “culpa” do jovem, mas, na grande maioria das vezes, pelas contingências da atualidade.

Futuros idealizados, projetos frustrados

A ideia de que os estudos representam a única forma de garantir um futuro promissor habita o imaginário social desde a tenra infância. Afinal, a escola é o primeiro ambiente de socialização, onde os sujeitos aprendem a se reconhecer como parte da sociedade. A escola é vista como uma das instâncias – senão a única – que ajudará os sujeitos a construir um projeto de vida e, conseqüentemente, um projeto de si próprios: “projetando que *coisa* se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, *quem se será*”, afirma Leccardi (2005, p. 36).

Neste contexto, ela integra um tema fundamental da vida social, pois, conforme Corti (2014), representa uma parte primária (infância) e secundária (juventude) da socialização dos sujeitos. À escola, sempre se atribuiu um papel de preparar as gerações para a vida. E isso, aparentemente, tem sido ainda apregoado na escolarização brasileira, até mesmo em função da ampliação do tempo em que os jovens permanecem na escola.

Na modernidade contemporânea, porém, o futuro passou a ser guiado pelo medo e pela incerteza, frutos do acelerado desenvolvimento e dos dilemas gerados pelo avanço e pelo progresso. Conforme afirma Bauman (2007, p. 32), “o medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas

é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável”.

Em crise com o futuro, o jovem passa a se relacionar com o tempo de acordo com as possibilidades que o presente, também incerto, lhe proporciona. Ele vive tentando “não se deixar engolir pela velocidade dos eventos, de controlar a mudança equipando-se para agir prontamente, de não desprezar o tempo deixando que ‘as coisas aconteçam’, de não se deixar encurralar pela insegurança difusa (LECCARDI, 2005, p. 53).

Essa sensação de instabilidade ditada por um ritmo de vida frenético e perturbador, alimenta um medo constante do futuro e atinge as instituições sociais que, assim como a escola, “perderam sua capacidade de garantir aos sujeitos uma dimensão fundamental na construção da individualidade: o sentido da continuidade biográfica” (Leccardi, 2005, p. 49). Os sujeitos se sentem desamparados e sozinhos, sem vislumbrar alternativas que lhes permitam mudar o presente e pensar no futuro.

Porém, ao mesmo tempo em que representa uma grande dúvida para muitos jovens, o futuro é também encarado como uma possibilidade de realização e progresso (SOUZA ET AL, 2018). O que faz com que a escola ainda “resista” e seja vista, conforme Arruda (2018, p. 12), como “facilitadora para abrir horizontes, questionar, co-construir perspectivas de futuro”.

Escola para Todos (?)

É comum identificar o cotidiano escolar como cansativo, repetitivo e problemático (DAYRELL; CARRANO, 2007). Muitos jovens parecem encarar a escola como apenas uma obrigação, o que gera constantes atritos entre estudantes e professores e relações permeadas por culpas e desculpas.

Na escola democrática, com o lema da educação para todos, “os alunos já não são selecionados na entrada do sistema escolar, mas, sim, durante os estudos, em função unicamente de seu desempenho” (DUBET, 2001, p. 16).

A escola que hoje acolhe este estudante acaba por reproduzir as desigualdades sociais que já existem “do lado de fora”, praticando políticas de aprendizagem excludentes. Diante deste quadro de exclusão e diferenciação, muitos jovens deslocam seus interesses da escola para outras instâncias da vida social, seja por necessidade de sobrevivência imediata, seja por desistência do projeto normatizado pela sociedade.

O ensino médio, etapa mais curta dentre as etapas escolares é, por assim dizer, a

que carrega o maior peso de responsabilidades bastante conflitantes. Conforme Castro (2008), o ensino médio carrega quatro objetivos: formação cultural dos cidadãos, estimular as habilidades do aluno, preparar para o mercado de trabalho considerando a possibilidade de o indivíduo não ingressar no curso superior, e, finalmente, preparar o estudante para ingressar no ensino superior. Não há, portanto, sistema educacional, em País nenhum, que não precise administrar tamanhos conflitos para lidar com tantos objetivos.

No Brasil, muitos alunos recebem uma base educacional fraca no ensino fundamental e chegam ao ensino médio semialfabetizados, sem chances de acompanhar o ritmo acelerado dos conteúdos exigidos. Há, também, uma carência de professores aptos para ministrar disciplinas fundamentais: eles são herdeiros, também, de um ensino superior de baixa qualidade que não os prepara adequadamente para os desafios curriculares do ensino médio. Por fim, a sobrecarga de conteúdos exigidos no vestibular impede que o aluno se aprofunde nos temas e o aprendizado acaba sendo superficial.

No Pará, a situação não é nada diferente do restante do País e, de acordo com os dados Portal INEP (2017), o Estado tem a mais alta taxa de evasão em todas as etapas de ensino, chegando a 16% no ensino médio.

A escola, assim, revela-se em crise com a juventude, vivendo hoje uma relação de distanciamento com o aluno. Segundo Dayrell & Carrano (2007), essa realidade não se explica por si mesma, e não se pode culpar nem somente a juventude, nem somente a escola e tampouco os professores pelo problema. Pois todos fazem parte de um quadro social bem mais amplo, com seus desafios e questões.

A Teoria das Representações Sociais e a noção de grupo

As representações sociais se referem ao conhecimento do cotidiano e à maneira pela qual ele se estrutura na vida social das pessoas e são percebidas como “uma construção sociocognitiva, quer dizer, uma construção submetida à influência do contexto discursivo e do contexto social” (CAMPOS, 2003, p. 22).

As representações sociais servem para orientar as práticas e articular os elementos presentes nas relações dos sujeitos. Só é possível observar representações sociais se olharmos para as dinâmicas sociais, ou seja, os sujeitos em situações de interação social. Ou seja, se não houver compartilhamento no grupo, não haverá representação social.

Para que estes grupos de jovens elaborem representações sociais, é preciso que sua identidade esteja pautada na relação com suas práticas. De acordo com Campos (2003, p. 29), “a noção de prática teria como referência básica a ação, o agir dos grupos; e a ação comporta então, necessariamente, dois componentes, o vivido e o cognitivo”.

Uma representação social é um conhecimento construído na esfera social, com o potencial de ser transformadora (GUARESCHI e ROSO, 2014). Uma representação constitui, conforme Moscovici (2009), um tipo de realidade. Representações sociais são prescritivas, ou seja, atuam sobre os sujeitos com uma força irresistível que é fruto da combinação entre uma estrutura de pensamento já existente com uma tradição que lhe é imposta.

A Teoria do Campo Social e a noção de *habitus*

Os *habitus* estão presentes nas ações dos sujeitos, pois se constroem a partir de valores, crenças e julgamentos dos sujeitos, portanto eles atuam como princípios articuladores de representações sociais, eles representam um conhecimento adquirido (BOURDIEU, 2009/1989).

De acordo com Bourdieu (1989), a estrutura social é constituída de campos de poder e privilégio, determinados por relações materiais, simbólicas ou culturais entre os sujeitos. Os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante na construção da realidade, cujas posições de cada sujeito neste sistema são definidas de acordo com o conjunto dos capitais (econômicos, culturais, sociais ou simbólicos) acumulados em suas trajetórias sociais.

Para Bourdieu (2009/1989), campo é um espaço social onde os agentes empreendem relações de luta, de forças, porque cada um deles possui uma natureza específica de capital, seja ele cultural, econômico ou social. Sendo todos eles capitais simbólicos, porque têm uma representatividade que vai além do objetivismo, pois são construídos tanto estruturalmente (nas hierarquias de poder) e também nas práticas dos agentes, ou seja, constituídos em uma estrutura estruturada, que também é estruturante.

Portanto, essa noção das estruturas estruturadas, que também são estruturas estruturantes, é o que integra a noção de *habitus* de Bourdieu (2009/1989), que são sistemas de disposições que orientam as práticas dos agentes no campo. O campo é

entendido a partir de sua interdependência com os *habitus* e com outro conceito importantes, o de capital.

Campo e Grupo: o poder simbólico ligado às práticas

A aproximação entre dois autores contemporâneos – Serge Moscovici e Pierre Bourdieu – abre um caminho amplo de possibilidades investigativas dentro da psicologia social. Ao estudarmos as proposições de cada um, sendo um na sociologia e, o outro, na psicologia, percebe-se similaridades em suas linhas de pensamento que contribuem para um melhor entendimento dos fenômenos sociais: “ambos privilegiam a dimensão simbólica na construção do mundo social, propondo rupturas com dicotomias que consideram limitadoras para os estudos de fenômenos sociais, como subjetividade x objetividade, indivíduo x sociedade” (CAMPOS & LIMA, 2018, p. 102).

Em comum, portanto, entre os dois autores, reside a ideia de que as relações de trocas entre os sujeitos são mediadas por um poder simbólico (BOURDIEU, 2009/1989) e por atos de consensos e/ou conflitos (MOSCOVICI, 2012/1961).

Capitais Econômicos, Sociais e Cultural em Jovens do Ensino Médio

A pesquisa de campo contemplou dois grupos de sujeitos entre 14 e 25 anos, totalizando 55 jovens, nos meses de abril, maio e junho de 2019. O primeiro grupo foram estudantes do 1º, 2º, 3º ano do ensino médio de três escolas públicas estaduais de Belém: Escola Santa Maria de Belém, Escola David Salomão Muffarrej e Escola Brigadeiro Fontenelle; o segundo grupo foi de jovens moradores dos bairros do Jurunas e Terra Firme, que, embora em idade escolar, não estão mais estudando.

Foi aplicado um questionário de 57 perguntas, tanto de múltipla escolha, como abertas, com autorização prévia da coordenação escolar e dos pais ou responsáveis. No caso dos jovens fora da escola, as mesmas autorizações foram utilizadas.

O objetivo deste instrumento de pesquisa foi levantar o perfil dos jovens, visualizando seu contexto socioeconômico e cultural, bem como hábitos referentes aos capitais econômico, cultural e social.

Do total de entrevistados, 36,8% são do sexo masculino e 63,2% são do sexo feminino. Sendo 52,6% na faixa entre 18 e 19 anos; 26,3% acima de 20 anos; 10,5% entre

14 e 15 anos; e 10,5% entre 16 e 17 anos. Dos jovens entrevistados, 57,8% estão matriculados na escola e 42,2% não estão estudando no momento. Dos alunos entrevistados nas três escolas citadas, 47,4% estão cursando o 1º ano do EM, 36,8% estão cursando o 2º ano do EM e 10,5% estão no 3º ano do EM.

Quanto à religião, 47,4% dos entrevistados se declara evangélico; 36,8% católico; 10,5% não tem religião e 5,3% se declara espírita.

Quanto ao número de filhos, 78,9% ainda não tem filhos; e, dos 21,1% que têm filhos, 75% tem um filho e 25% tem dois filhos.

Dentre as perguntas que observam o capital econômico dos jovens entrevistados, percebeu-se que, o total dos jovens entrevistados, mesmo os que já têm filhos, moram com os pais ou responsáveis. A maioria, 84,2% mora em casa própria, com números entre 3 (31,6%) e 4 (31,6%) familiares. Do total de jovens, 78,9% não trabalham nem exercem atividade remunerada. Os que trabalham, exercem atividades como comerciante, manicure, apanhador de açaí, maquiadora. A maioria dos jovens declarou que o emprego da mãe é diarista ou doméstica, e o emprego do pai varia entre eletricista, vendedor, apanhador de açaí, feirante, policial ou entregador. Quanto à renda familiar, a maioria, 52,6% ganha até 1 salário mínimo; 36,8% declaram renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos e 10,5% estão entre 2 e 3 salários mínimos.

Quanto à posse de bens, 55,6% dos jovens têm entre 2 e 3 aparelhos de TV em casa; 42,1% têm computador; 47,4% tem sinal de wi-fi; 42,1% têm TV a cabo. Quanto à posse de celular, 89,5% possuem, e todos acessam a internet pelo celular. A maioria acessa via plano pré-pago (58,8%). Um percentual de 42,1% acessa a internet por outros meios, como computador, lan-house e aparelho de TV.

Em relação aos mesmos itens, da família, 78,9% dos familiares possuem celular, e 57,9% com pacote de internet, sendo a maioria, ou seja, 52,6% pré-pago.

Finalizando a análise do capital econômico; quanto à formação escolar da mãe, 31,57% têm o ensino médio completo, 26,3% têm ensino fundamental incompleto, 15,79% têm ensino superior incompleto, 5,26% é analfabeta e 5,26% têm ensino superior completo; quanto à formação escolar do pai, 31,57% têm o ensino médio completo,

15,79% têm o ensino fundamental incompleto, 10,52% têm ensino superior incompleto, 5,26% têm ensino superior completo e 5,26% é analfabeto.

A respeito das perguntas que buscam um maior entendimento sobre o capital cultural, com relação ao tempo de navegação na internet, 57,9% dos jovens ficam mais de 4 horas por dia conectados, e todos acessam as redes sociais, sendo que 94,7% deles têm facebook e whatsapp, e 78,9% têm instagram. Quanto ao tempo de navegação nestas redes sociais; 42,1% ficam cerca de 1 hora por dia no facebook, e 31,57% ficam entre 1 e 2 horas por dia nesta mesma rede; no whatsapp, os jovens informaram que ficam acima de 4 horas por dia (47,36%) e entre 1 e 2 horas por dia (21,05%).

Quanto aos conteúdos que os jovens mais publicam em suas redes sociais, 78,9% postam mais *memes*⁴, 63,2% postam fotos com família ou amigos, 52,6% postam fotos suas (*selfies*), 52,6% postam fotos antigas com a *hashtag TBT*⁵, e 47,4% postam vídeos. Sobre os conteúdos que recebem mais curtidas dos jovens estão as curiosidades (63,2%), os posts de amigos (57,9%), posts sobre festas, músicas e acontecimentos sociais (52,6%) e posts e lojas e marcas (47,4%).

Ao perguntar sobre o estilo musical que os jovens mais gostam, 15,38% citou o ritmo RAP, 12,82% citou Pagode, 12,82% citou o Melody, 10,25% citou o Funk e 10,25% citou o Funk. A maioria dos jovens declarou que escuta o seu estilo musical preferido mais de seis vezes na semana (68,4%). Com relação às bandas ou cantores que os jovens mais gostam, houve muitas indicações, e as que tiveram maiores percentuais foram BTS, Dilsinho, Marília Mendonça e Poesia Acústica (com 6,66% cada um); Sorriso Maroto e Racionais MC (com 10% cada um). Apesar de apenas uma menção cada, destacam-se as citações de bandas como Pacificadores, Haikaiss, Tribo da Periferia, Hungria, que se destacam por músicas de cunho social e cultural, e a cantora Priscila Alcântara, do gênero gospel, cujas letras de músicas transmitem mensagens de fé e otimismo, o que se torna interessante para as hipóteses desta pesquisa.

⁴ Conteúdo que é copiado ou imitado e que rapidamente se espalha entre as pessoas, especialmente nas redes sociais.

⁵ Hashtag é uma cerquilha que as pessoas geralmente utilizam antecedendo uma palavra que estão compartilhando nas redes sociais. E TBT significa “throwback thursday”, que simboliza algo nostálgico que se publica numa quinta-feira, como se quisesse voltar a uma quinta-feira do passado.

A maioria dos respondentes declarou que escuta seu artista preferido mais de seis vezes na semana (47,4%). Ao perguntar que músicas os jovens mais gostam, várias foram citadas, porém a mais citada foi Fórmula Mágica da Paz (10%), interpretada pelo grupo Racionais MC. As demais músicas citadas tiveram uma menção cada uma. Porém, mesmo tendo uma citação cada, pode-se destacar as músicas A vida é desafio⁶, Bye Bye, Sem Sal, Dependente e Ainda gosto de você, pois são interpretadas pelos cantores mais citados na pergunta seguinte, que pediu para os entrevistados dizerem qual o intérprete da música que mais gostam; os mais citados foram Racionais MC (15,78%), Marília Mendonça (10,52%) e Sorriso Maroto (10,52%). A maioria dos entrevistados possui aplicativo de música instalado no celular (63,2%) e acessa este aplicativo por mais de 4 horas ao dia (33,3%).

Com relação ao hábito de assistir vídeos pela internet, em sites como o youtube, 94,7% dos jovens assiste e, dentre os conteúdos preferidos, estão os clipes de bandas e cantores (77,8%), vídeos de youtubers (50%), tutoriais de como fazer (44,4%), vídeos de jogos (38,9%) e filmes (38,9%). Quanto ao hábito de assistir a filmes e séries pela internet, 57,9% assiste via aplicativo Netflix, e os gêneros mais acessados são comédia, drama e romance. Os títulos mais citados pelos jovens foram La Casa de Papel (22,22%) e Os Vingadores (16,66%).

Sobre os hábitos de leitura de livros, notícias, revistas, trabalhos, 52,6% dos entrevistados declara que não tem o costume de ler nenhum destes conteúdos.

Dos entrevistados, 36,8% tem o hábito de assistir televisão entre 1 a 2 horas por dia. E os conteúdos mais assistidos são filmes (68,4%), novelas (47,4%) e séries (42,1%).

As perguntas que finalizam o questionário referem-se ao capital social. Ao solicitar que os respondentes citassem até 5 atividades que costumam realizar no seu tempo livre, a maioria citou futebol (15,68%), aniversários, festas e resenhas (9,8%), brincar na rua, com os filhos ou cachorro (5,88%) e passear com amigos, filhos ou cachorro (5,88%). As que realizam com mais frequência são futebol e sair para dançar; e as que mais gostam são futebol, cinema e sair para dançar.

⁶ Música cujo trecho é citado no título deste artigo.

Ao serem questionados sobre a frequência com que realizam algumas atividades sociais, a maioria dos jovens respondeu que, pelo menos uma vez na semana vai a missa e a eventos esportivos; algumas vezes por ano, vai a lugares como cinema (36,84%), rolês em casa de amigos (31,57%), shows (31,57%), praia/piscina/balneário/igarapé (52,63%), e viaja de carro ou moto (42,1%). Com relação a teatro (57,89%), baladas em casas noturnas (42,1%), museus (36,84%) e viagens de avião (63,15%), a maioria dos percentuais indicados respondeu que nunca realizou esta atividade.

Com relação ao whatsapp, os entrevistados responderam que as pessoas com quem mais conversam, e diariamente, são: namorado ou namorada (52,6%), amigos do bairro (36,8%), pais ou responsáveis (31,6%) e amigos da escola (21,1%). Dentre os assuntos que mais conversam no whatsapp, estão os sonhos/planos para o futuro (63,2%), festas/shows/baladas/rolês (42,1%), família (36,8%), fofocas (36,8%), dinheiro (31,6%) e escola (21,1%).

Foi solicitado que os jovens pensassem em dois de seus melhores amigos e citassem a profissão de seu pai e de sua mãe. A maioria respondeu profissões similares às de seus respectivos pais e mães, ou seja, vigia, fruteiro, feirante, policial (pais) e doméstica ou diarista (mãe).

A última pergunta do questionário de capital social perguntava, se na sua rede de conhecidos e amigos, o jovem tinha proximidade com como políticos, delegados, juízes, promotores, superintendentes de órgãos públicos, diretores, coordenadores ou reitores de escolas ou universidades. A maioria respondeu que não tem proximidade com nenhuma dos grupos citados (73,68%) e 21,05% tem proximidade com pessoas que ocupam cargos de chefia em hospitais e unidades de saúde.

Reflexões finais

O questionário buscou entender como se dá a distribuição dos capitais econômico, social e cultural dos jovens, para relacioná-los com as representações que fazem do futuro e da própria escola. Os resultados referentes ao capital econômico apontam para uma maioria de jovens em condições financeiras menos favorecidas, com remuneração familiar baixa, maioria de pais ou responsáveis com grau de instrução até o ensino médio

(etapa que os próprios jovens estão cursando). No entanto, quanto à posse de bens, a grande maioria das famílias possuem celular, internet e outros bens tecnológicos.

As respostas ao questionário sobre capital cultural indicam que os jovens, em sua maioria, possuem hábito frequente de acessar conteúdos pelos meios digitais, passando mais de 1/6 do dia conectados. Dentre os conteúdos que mais acessam, estão as músicas, filmes e séries de TV. Os conteúdos de sua preferência estão ligados a relacionamentos amorosos, e a temas sociais como violência, justiça, luta, fé e otimismo.

Ao analisar as questões de capital social, percebe-se que os jovens estão muito ligados a atividades esportivas e festas e a desenvolver redes de sociabilidade com amigos da rua e da escola, além dos relacionamentos amorosos. Há, também, a presença da família em parte do cotidiano de suas relações sociais. Os jovens falam muito sobre sonhos e planos em suas relações sociais, assim como em dinheiro, festas e família. Porém, falam pouco sobre estudo e escola. A maioria de seus amigos, pelas profissões de seus pais, têm a mesma condição social que eles. E há pouca aproximação com pessoas que exercem algum tipo de atividade que impõe poder econômico.

Tantos nos jovens que estão nas escola, como nos que não estão na escola, percebe-se que a luta pelo “aqui” e “agora”, deles ou de seus familiares, os impede de pensar no futuro como um projeto de vida de longo prazo. As dificuldades de sobrevivência e a constante luta para suprir as necessidades básicas do dia-a-dia os faz lutar pelas necessidades do presente.

Por meio de todos os processos que derivam destas relações bem ou mal sucedidas com a escola, percebe-se que ela exerce um papel como instituição responsável não somente pela formação educacional dos indivíduos, como também pela construção de sua realidade social. A escola é considerada como “uma instituição social, mais precisamente, como evento psicossocial” (LIMA&CAMPOS, 2015, p. 65). Os jovens que nela estão parecem entendê-la como um meio de se ter um futuro promissor.

É importante, para se entender as contradições da juventude, buscar as questões culturais e sociais presentes nos grupos. Elas vão revelar, dentre outros pontos, se os jovens compartilham os mesmos significados; de que forma os compartilham; e as razões de compartilhá-los ou não (PAIS, 1990).

Os jovens, ao romperem com a escola, parecem romper, também, com certo projeto de vida normatizado pela sociedade e incorporado como parte de seus anseios para o futuro. Parece haver um campo de lutas simbólicas, que explica como estes jovens não se deixam achatar, classificar ou serem empurrados para um vazio simbólico.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 2009/1989.

CAMPOS, Pedro H. F. **A abordagem estrutural e o estudo da relação entre práticas e representações sociais**. In: CAMPOS, Pedro H. F.; LOUREIRO, Marcos C. S. (Orgs.). **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LIMA, Rita de Cássia Pereira. **Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento**. Cadernos de Pesquisa, v. 48, n. 167, p. 100-127, 2018.

CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar. **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói; Editora da UFF, 2014.

CASTRO, Claudio de Moura. **O ensino médio: órfão de ideias, herdeiro de equívocos**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 113-124, jan. /mar. 2008.

CORTI, Ana Paula. **Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício**. In:

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. In: DAYRELL, Juarez. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. In: Revista Brasileira de Educação: Maio/Jun/Jul/Ago 2001 Nº 17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a01>

_____. **O que é uma escola justa?** In: Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a02v34123.pdf>. Acesso em 29.05.2017

GUARESCHI, P; ROSO, A. **Teoria das Representações Sociais – Sua história e seu potencial crítico transformador**. In: CHAMON, E. M. Q.; GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. (Orgs.). **Textos e debates em representação social**. Porto Alegre, ABRAPSO, 2014.

LECCARDI, Carmen. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. Tradução de Norberto Luiz Guarinello. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2, novembro/2005.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Rita de Cássia Pereira; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviana das representações sociais**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-77, mar. 2015

_____. **Classes sociais, campo, grupos: contribuições para pensar a função social da escola**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 17, n. 3, set./dez. 2015.

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2012/1961.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. Análise Social, vol. XXV, 1990.

SOUZA, Angela et al (Orgs). **Representações Sociais de Jovens Estudantes do Ensino Médio sobre Futuro**. In: SOUSA, Clarilza et al. (Orgs). **Qual futuro? Representações Sociais de Professores, Jovens e Crianças: uma pesquisa em rede**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

WELLER, Wivian. **Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro**. In: DAYRELL, Juarez. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

INTERNET

http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206. Acessado em 08.09.2018

<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>. Acessado em 10.09.2018